

Resenha

DOS IMPACTOS DA ESCOLARIZAÇÃO

Kátia Pupo *

“Qual o efeito de uma passagem longa e sistemática pela escola no psiquismo de sujeitos que lidam diretamente com a palavra escrita, o modo científico de construção de conhecimento e o discurso acadêmico, em sua vida adulta?”

É a partir desta pergunta que Teresa Cristina do Rego constrói seu livro que nos fascina desde os agradecimentos porque, fugindo dos modelos textuais tradicionalmente presentes na vida acadêmica, traz consigo uma dimensão do afetivo que comove e instiga a leitura.

Aliás, trazer à tona sentimentos e lembranças pessoais de quem lê os depoimentos de cada um dos entrevistados é um dos méritos de seu livro. Assim é impossível acompanhar os depoimentos de Felipe, Guilherme, Fernanda, Francisco, Celso e Sandra, sem sentir-se convidado a rememorar nossas próprias experiências escolares, dialogar com nossas histórias e reencontrar velhos parceiros (e alguns fantasmas).

A professora Teresa Cristina Rego é docente da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Educação da USP. Pedagoga, doutora em Psicologia da Educação e mestre em História e Filosofia da Educação pela USP. É autora de vários livros na área de psicologia na perspectiva da abordagem histórico-cultural.

No livro **Memórias de Escola: cultura escolar e constituição de singularidades**, temos a rara oportunidade refletir sobre o papel da escola no desenvolvimento psicológico de indivíduos com alto grau de escolarização. A obra está organizada em quatro capítulos mais as considerações finais.

O primeiro capítulo apresenta a fundamentação teórica do estudo realizado, que tem como eixo a obra de

Biografia

* Kátia Pupo é Mestre em Psicologia da Educação – Faculdade de Educação da USP.

Vygotsky, mas que traz também subsídios de outros importantes autores e discute o papel da escolarização nas sociedades contemporâneas. A justificativa da escolha metodológica é apresentada e fundamentada no segundo capítulo. O mais longo dos quatro capítulos que compõem a obra traz as narrativas dos entrevistados e a análise dos depoimentos feita com extrema pertinência pela autora. No quarto capítulo, a professora Teresa faz uma síntese-analítica das entrevistas relacionando-as ao contexto educacional da época buscando as influências do processo de escolarização no comportamento dos indivíduos. Nas considerações finais, procura examinar os resultados obtidos concluindo que, ainda que não se encontrem marcas e efeitos comuns da passagem pela escola, os depoimentos revelam a importância da vivência escolar na vida de cada um dos sujeitos.

Já na introdução temos a confirmação da relevância da escola na busca de uma sociedade mais democrática e no enfrentamento das incertezas suscitadas pela modernidade. Numa sociedade urbana, letrada e complexa, o processo de escolarização cumpre a função social, política e pedagógica de oferecer ao indivíduo o patrimônio de conhecimentos relevantes culturalmente, assim como novas formas de pensamento e organização conceitual.

Para a autora, as teses levantadas pela psicologia histórico-cultural, que propõem uma interação entre os indivíduos e o meio cultural no qual estão imersos, podem auxiliar-nos a entender a interferência de diferentes práticas dentro da escola na construção de cada sujeito.

Segundo Vygotsky, o controle consciente do comportamento, a capacidade de planejamento, atenção e lembrança voluntária, a memorização ativa, o pensamento abstrato, o raciocínio dedutivo e imaginação são funções do psiquismo humano construídas através da mediação do outro, ligadas ao aprendizado e a apropriação do legado cultural do grupo.

É, portanto, através do aprendizado, que os sujeitos vão tomar posse de características psicológicas tipicamente humanas. Particularmente do aprendizado escolar, uma vez que a escola é um espaço privilegiado que oferece conteúdos e modos de pensamento bastante específicos. O pensamento conceitual e abstrato é típico do espaço escolar.

Além disso, na perspectiva vygotskiana, o desenvolvimento humano se dá em dois níveis. A saber, o nível real ou efetivo onde estariam as funções ou aprendizagens que o sujeito já domina e o nível de desenvolvimento proximal ou potencial em que funções ou capacidades ainda não desenvolvidas autonomamente podem manifestar-se através da mediação do outro.

Assim, através das mediações que acontecem durante sua experiência escolar, a criança transforma os conceitos espontâneos que construiu na sua experiência cotidiana em conceitos científicos. Através de atividades sistemáticas e

planejadas, a criança toma consciência de seus processos mentais e torna-se capaz de desenvolver o pensamento descontextualizado modificando definitivamente sua relação cognitiva com o mundo.

Baseada nos estudos de Vygotsky, a autora nos faz a advertência de que, só terá um efeito verdadeiro e desejado, o ensino que estiver adiantado em relação ao nível de desenvolvimento real do aluno. Que escola produz esta forma de ensino? - pergunta a autora. E justifica a contribuição do pensamento vygotskiano para sua pesquisa, que fundamenta sua opção metodológica pelos relatos autobiográficos a respeito da importância da escola, como uma tentativa de conhecer o contexto social em que se dá a aprendizagem escolar.

Para aprofundar-se nesta questão, Teresa recorre aos estudos realizados pela professora Marta Kohl que nos mostra que a abordagem histórico-cultural se diferencia grandemente das tradicionais linhas de pesquisa em psicologia na busca de entendimento das relações entre a constituição do sujeito e as influências culturais e destaca o papel da escolarização no desenvolvimento individual.

Sobre o impacto da escolarização, a autora nos apresenta, ainda no primeiro capítulo, a pesquisa desenvolvida por Luria com camponeses russos em 1931 que concluiu que a alfabetização e escolarização são determinantes na modificação de funcionamento psicológico. E complementa trazendo a contribuição de Cole e Scribner com os estudos desenvolvidos com os Vai da Libéria que levantam a tese de que as mudanças no modo de pensamento (pensamento descontextualizado e metacognição) estão relacionadas mais ao processo de escolarização do que à alfabetização.

A partir desta constatação, a autora ressalta a importância de pesquisas que revelem que conseqüências os procedimentos, estratégias e modos de tratar a informação aprendidos no ambiente escolar provocam nos sujeitos. E mais, busca responder que práticas escolares produzem realmente um desenvolvimento cognitivo e atitudinal, objeto do livro.

Neste capítulo em que revela a fundamentação teórica de sua pesquisa, a autora apresenta ainda aos seus leitores o estudo comparativo desenvolvido pela professora Marta Kohl com universitários e estudantes adultos em processo de escolarização. Neste estudo apresenta-se a tese de que, além da escola, outros fatores, como o domínio da linguagem escrita, o desenvolvimento da ciência formal, o tipo de trabalho desenvolvido e o envolvimento em atividades políticas promovem mudanças no modo de operar do pensamento. A pesquisa destaca ainda a importância das interações no processo de construção de significados pelo sujeito.

Reconhecendo a variedade de influências que a construção da singularidade do sujeito sofre durante sua história, Teresa propõe-se a ampliar a análise do impacto do que acontece nas salas de aula, inserindo o estudo de outras influências marcantes.

Para tanto, traz ao conhecimento do leitor a pesquisa realizada pelo sociólogo francês Bernard Lahire que buscou compreender como crianças, oriundas de famílias com mesmo perfil socioeconômico e nível de escolaridade, podem apresentar resultados diferentes em relação ao fracasso e sucesso escolar.

Lahire conclui em seu estudo que o tipo de experiência vivida no âmbito familiar pela criança relacionada ao texto escrito, as condições econômicas, a presença de determinados valores, a forma como são exercidas a autoridade e os projetos e expectativas dos pais em relação à escola podem influenciar significativamente o desempenho escolar.

Como se pode constatar, para compreender o papel e os efeitos da passagem pela escola na constituição de sujeitos altamente letrados, a autora, após a análise de estudos relacionados, citados anteriormente, e ainda nos trabalhos de Charlot, Bosi e Bruner, passa a coleta de dados empíricos através de entrevistas individuais gravadas em áudio e depois transcritas. Destes depoimentos, foram analisadas as marcas deixadas pela escolarização a partir do ponto de vista dos próprios entrevistados. Aquilo que ficou na memória dos sujeitos como reconstrução das suas experiências escolares revela lembranças que também são grupais.

Um dos critérios utilizados para a seleção dos seis sujeitos, de ambos os sexos, foi a faixa etária. Isto coloca os indivíduos como representantes da mesma geração, tendo vivido o mesmo momento histórico e contexto sociopolítico, além de ter estudado sob a mesma legislação educacional.

Além da faixa etária, foram critérios de seleção: o alto nível de escolaridade e o fato dos indivíduos exercerem profissões necessariamente relacionadas ao universo letrado de produção ou divulgação de conhecimento.

Os depoimentos foram organizados considerando os dados biográficos, as lembranças da vida escolar, as marcas da escolarização e o contexto familiar de cada um dos entrevistados.

O capítulo três inicia-se com a narrativa de Felipe, professor universitário, à época com 46 anos. Em seu depoimento, Felipe valoriza sua experiência escolar como importante para sua definição profissional e pela evidente participação no rompimento dos limites da classe social de onde procedia.

Para ele a escola significava esperança de ascensão social e as dificuldades encontradas serviram como desafio. Fazendo uma associação arriscada, poderíamos entender a classe social baixa a qual Felipe pertencia como uma desvantagem., o que nos lembra o terceiro capítulo do livro de Vygotsky e Luria, **Estudos sobre a história do comportamento**. Neste trecho do livro, Luria destaca o fato de deficiências poderem servir como mecanismos de compensação em que o indivíduo busca equilibrar sua dificuldade com persistência e exercícios, tornando-se um estímulo ao seu desenvolvimento, o que chama de reorganização cultural da personalidade.

No caso de Felipe, a escola como meio de ascensão social, nos remete também às pesquisas de Charlot sobre a necessidade de compreender o significado da escolarização para o aluno como meio de entender sua influência na constituição do psiquismo do indivíduo.

Sem perder o senso crítico, Felipe aponta o clima opressor vivido à época caracterizado pela rigidez e falta de diálogo, estímulo à competição entre os estudantes, valorização do esforço individual e a ênfase na relação professor-aluno. Na trajetória pessoal do professor universitário, a admiração pela irmã mais velha e o apoio da mãe estimularam-no a buscar um ótimo desempenho escolar. Destaca-se também em seu depoimento, a influência do momento político que gerou seu crescente engajamento social e militância política.

Fernanda, 58 anos, proprietária de uma agência de marketing, é a segunda a nos relatar suas lembranças escolares. Em seu depoimento, descreve, à semelhança de Felipe, o estímulo à competição e a ênfase no esforço individual como presentes no ambiente da sala de aula. Relata ainda os tratamentos discriminatórios manifestos na escola que separava os alunos por nível de desempenho acadêmico. Fernanda atribui como marcas de sua escolarização a conquista da disciplina, da organização e do método. Avalia ainda que sua passagem pela escola tornou-a mais exigente, crítica e competitiva. Reconhece que as influências familiares e a convivência fora da escola com pessoas intelectualizadas marcaram sua trajetória intelectual, assim como a militância política na universidade. Outros fatores como a vontade de emancipar-se financeiramente da família e o desejo de fugir do modelo de vida submisso da mãe foram fundamentais para seu esforço de sucesso escolar.

A terceira narrativa apresentada pela autora traz o relato de Guilherme, jornalista de 45 anos que constata que a sociabilidade do aluno ficava em sempre em segundo plano para escola e isso foi marcante na sua experiência escolar visto que era profundamente tímido e enfrentou inúmeras dificuldades em função dessa sua característica pessoal.

Guilherme atribui os problemas que enfrentou na área de Matemática à metodologia utilizada na época. De certa maneira, porém, avalia que essas dificuldades promoveram maior autonomia intelectual uma vez que, para superar os obstáculos que encontrava, criou estratégias próprias completamente independentes da escola.

É enfático ao afirmar que a maneira mecânica, conteudística e descontextualizada com que era realizado o trabalho escolar, foi a principal responsável por suas experiências de fracasso na escola, ele repetiu por duas vezes. No entanto, ressalva que obteve na escola noções que mudaram seu modo de ver o mundo e de estabelecer relações entre as diferentes áreas do conhecimento. Afirma que foi através do trabalho realizado no âmbito da escola que pode desenvolver

seu raciocínio lógico, analítico e crítico e aprender procedimentos e estratégias que ampliaram seu repertório cultural.

Seu depoimento destaca ainda a enorme importância de ter sido criado num ambiente intelectual desafiador e instigante em que se valorizava a cultura e o conhecimento e onde havia uma participação bastante ativa de seus pais na sua vida escolar. O que reforça as teses defendidas por Lahire da importância do contexto familiar como fator de sucesso escolar.

Celso, jornalista de 54 anos é o quarto dos entrevistados, depois de discursar de forma bastante crítica em relação aos primeiros anos de vida na escola, cheios de rupturas, fala com entusiasmo sobre sua experiência escolar a partir da 5ª série do Ensino Fundamental. Diferentemente dos demais, Celso teve a oportunidade de estudar numa escola cuja proposta pedagógica, estrutura curricular e metodologia era bastante ousada para a época. A escola incentivava a participação do aluno e soube despertar o gosto pelo estudo e pelo domínio do conhecimento. Como aluno bem sucedido, Celso relata que tudo que estivesse ligado ao universo da escola era prazeroso e instigante. E que suas experiências escolares possibilitaram o exercício da democracia, de discussões e análises políticas. Ao contrário das lembranças dos outros sujeitos, Celso recorda-se de uma escola em que havia respeito às diferenças e estímulo à solidariedade.

Reconhece ainda que a maneira de abordar as informações, estabelecer relações entre os diferentes assuntos e novos modos de acessar e lidar com o mundo do conhecimento foram conquistas iniciadas no ambiente doméstico e reforçadas na escola. Celso tende a atribuir muitos de seus procedimentos, como disciplina, organização e método de estudo, mais a características pessoais e influências familiares do advindas de suas experiências escolares. Neste sentido, a autora adverte que as marcas de sua escolarização podem estar introjetadas de tal modo que lhe é difícil discriminá-las.

A terapeuta familiar, Sandra de 54 anos foi de todos os entrevistados a que teve a trajetória de vida mais atribulada no âmbito familiar e o percurso escolar mais conturbado.

Apesar disto, seu desempenho acadêmico sempre chamou a atenção. Alfabetizou-se sozinha e era uma leitora voraz. Suas lembranças remetem sempre a fatos inusitados relacionados ao seu comportamento e emoções vividas na escola. Sandra aponta sua dispersão, desorganização e falta de método como conseqüências do seu percurso escolar e do ambiente familiar.

Francisco, 58 anos, professor universitário de Filosofia da Educação, é mais um exemplo de como obstáculos podem tornar-se vantagens. De origem humilde, conseguiu superar as limitações comuns a pessoas de seu nível socioeconômico graças ao estímulo da família, um enorme esforço pessoal e as experiências escolares

que incluíram uma série de coincidências e sorte.

Francisco relata que a metodologia utilizada na escola que freqüentou era tradicional calcada na informação e memorização, mas sentia-se desafiado por ela que representava a única maneira de sair da condição social de sua família.

Teresa Rego destaca que a diferença entre Francisco e seu irmão submetidos ao mesmo ambiente escolar e que seguiram caminhos tão distintos, reforça a idéia de que a constituição da singularidade humana é imprevisível e está à mercê daquilo que a autora chama de imponderável.

Embora não descreva em detalhes as marcas que ficaram de seu processo de escolarização, em sua trajetória de vida, a escola teve um papel fundamental como única possibilidade de acesso à cultura e ao conhecimento. Segundo Francisco, havia no ambiente escolar um estímulo muito grande à disciplina e ao empenho que aliado a características pessoais e ao incentivo advindo de seu contexto familiar, apesar de completamente desprovido de cultura letrada, possibilitou seu sucesso escolar.

No capítulo quatro, a autora analisa os relatos individuais destacando que é a memória coletiva quem sustenta essas lembranças, uma vez que recordamos sempre a partir do grupo social a que pertencemos. Nossas recordações estarão sempre impregnadas de idéias, valores e opiniões de outras pessoas. Na perspectiva vygotskiana, nossa memória pessoal é construída a partir do social, de fora para dentro.

A autora conclui que o fenômeno da escolarização está ligado também a outras vivências, como o contexto familiar, as experiências reais vividas na escola, o contexto sociopolítico e outras experiências que ampliaram conhecimentos adquiridos na escola, como trabalho e atividades políticas ou religiosas. Teresa Rego alerta-nos ainda para a importância dos acontecimentos que podem modificar decisivamente as trajetórias de vida de cada sujeito e sob quais não temos nenhum controle, o imponderável.

Do ponto de vista do perfil dos entrevistados, foram detectadas semelhanças, além das que originariamente eram condição na seleção dos sujeitos, como o hábito da leitura, a posição da figura materna na dinâmica familiar, o aprimoramento do nível de educação em relação aos ascendentes, a presença de uma figura marcante representante do mundo letrado influenciando profundamente o sujeito, o gerenciamento racional dos recursos econômicos disponíveis na família, o valor outorgado à escola pelos pais que apoiavam os procedimentos e decisões da escola. Da mesma forma, o modelo de autoridade familiar, a alta expectativa do desempenho escolar dos filhos e um conjunto de preceitos éticos que organizam a vida em família são características presentes nos relatos de todos os sujeitos.

Além da origem socioeconômica, os depoimentos apontam para diferentes

configurações familiares e formas de ser relacionar com as práticas letradas. Há uma diversidade grande quanto a possibilidade de investimento pedagógico entre as famílias dos sujeitos da pesquisa. De qualquer maneira, conclui-se que as marcas do contexto familiar influenciam profundamente a relação do sujeito com a escola.

Embora encontremos nas narrativas analisadas diferentes tipos de escola, a maioria dos depoimentos apresentam um modelo pedagógico semelhante. Repressor e centrado no professor, que supervalorizava a transmissão de conhecimentos, descontextualizado e compartimentalizado, que priorizava a memorização e acontecia sob rígida disciplina. Os relatos evocam igualmente lembranças prazerosas e traumáticas, reforçando a idéia de que as experiências escolares provocam efeitos diferentes nos sujeitos o que nos obriga, por um lado, a relativizar a importância dos métodos pedagógicos utilizados e por outro, constatar que a influência do bom professor sobre seus alunos é significativa e marcante, assim como a do bom ensino.

Segundo a autora, quando referem-se às marcas da escolarização, os sujeitos destacam que as influências positivas vieram de experiências interessantes em diferentes etapas da vida escolar, mas todos admitem que a escola cria um conjunto de hábitos, habilidades, competências e conhecimentos significativos e que tem participação considerável na constituição de suas singularidades.

Durante as considerações finais, Teresa Rego, retoma seu objetivo e avalia que a tarefa a que se propôs realizar através de narrativas autobiográficas, apesar de proveitosa foi acompanhada de muitos desafios teóricos e metodológicos. O material coletado revelou uma multiplicidade de experiências no âmbito da escola que derrubaram a idéia de controle sobre o desenvolvimento dos sujeitos e os efeitos da escolarização e demonstraram a dificuldade de acreditar em efeitos universais e homogêneos da escolarização.

O trabalho desenvolvido com os depoimentos mostrou que o impacto da escolarização não se limita aos aspectos cognitivos, mas envolve significativamente a dimensão afetiva e social. E que à qualidade das experiências vividas na escola estão associados outros fatores relacionados ao contexto social igualmente importantes na constituição do psiquismo dos sujeitos, o que confirma as teses defendidas pela abordagem histórico-cultural.

A escolha da professora Teresa Rego de comentar as falas dos entrevistados entrecortando as narrativas com análises que identificavam e destacavam aspectos relevantes nas trajetórias individuais foi bastante feliz, uma vez que o leitor pode acompanhar as relações entre os depoimentos e o suporte teórico que sustentou sua pesquisa. No entanto, ao chegarmos ao capítulo quatro, esta mesma escolha provoca uma sensação de *déjà-vu*. Aqui se repassa o que já foi dito ou que pode ser inferido pelo leitor. O que faz todo sentido numa tese acadêmica, que deu origem ao livro,

acaba por tornar cansativa a leitura ao final do livro. Talvez a autora pudesse enxugar sua análise ao apresentar o conjunto dos dados obtidos nas narrativas individuais ao final do capítulo especialmente quando descreve o perfil origem dos sujeitos estudados e as características das experiências escolares.

De qualquer modo, ao encerrar a leitura do livro **Memórias de Escola: cultura escolar e constituição de singularidades**, além de termos revisitado, através das narrativas autobiográficas um pouco de nossas próprias memórias escolares, nos tomamos, em decorrência das conclusões da autora, ainda mais responsáveis, como professores, por aquilo que acontece no cotidiano escolar.

É nossa a difícil tarefa de refletir sobre a importância das relações interpessoais ocorridas no âmbito da escola na constituição dos alunos como sujeitos. É nosso o dever de identificar possibilidades e limites das metodologias assumidas. À luz dos pressupostos vygotskianos, é nossa a responsabilidade pelo reconhecimento de outros fatores sociais que atuam, interferem, complementam, as marcas deixadas pela escolarização. Esta leitura coloca-nos novas e apaixonantes questões sobre a importância da interação sistemática e planejada entre professor e aluno. É nossa a tarefa de colocar em pauta práticas interativas que favoreçam o máximo o processo de constituição dessas histórias únicas e singulares construídas, também no interior da escola.

REFERÊNCIA

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. Editora Vozes, Petrópolis, 2003.